

Desigualdade social e pandemia¹

Juliana Lira de OLIVEIRA²

Camila Leite de ARAÚJO³

Universidade Federal do Amazonas, Manaus, AM

RESUMO

Objetiva-se neste artigo discutir o papel central da fotografia digital como mídia provocadora de reflexões, discussões, debates, e, possivelmente, de empatia. Pretende-se analisar a função social da investigação fotográfica durante a pandemia da Covid-19 no Brasil pela plataforma do *Instagram* e discutir a relação entre desigualdade social e pandemia. Para a seleção das imagens, escolhemos os perfis @covidphotobrazil e @everydaybrasil, que catalogam e compartilham imagens sobre a pandemia, feitas por diferentes autores e em diferentes regiões. A análise foi feita à luz de discussões sobre as dimensões da iconologia e da iconografia de Panofsky (2012) e adaptadas à fotografia por Kossoy (1999).

PALAVRAS-CHAVE: fotografia; pandemia; desigualdade social.

INTRODUÇÃO

Compreender a relação entre fotografia, memória, cidadania e respeito por vidas de populações periféricas exige uma literatura visual e debates sociais sobre esses problemas históricos da desigualdade social e sua documentação. Assim, acreditamos ser primordial a análise das leituras dessas imagens, que estas sejam amplamente compartilhadas e para que ocorra entendimento dos seus simbolismos.

A pandemia tem sido um momento de maior sofrimento para aqueles que estão sem teto, desempregados, em atividades informais e sub-remunerados. Pesquisas apontam que a pandemia reforça as desigualdades dos mais vulneráveis, as mortes são mais numerosas nas periferias com infraestruturas precárias e sem serviços básicos.

Nesse contexto, o presente estudo se propõe a analisar algumas imagens fotográficas feitas durante a pandemia da Covid-19 no Brasil, com base em conceitos da iconografia e da iconologia propostos por Panofsky (2012) em 1932 e posteriormente adaptados à linguagem fotográfica por Kossoy (1999). O trabalho nos conduz à discussão sobre as possibilidades do digital na produção e circulação de imagens e seu impacto na criação da memória sobre a

¹ Trabalho apresentado no Intercom Júnior – IJ04 – Comunicação Audiovisual do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado de 4 a 8 de setembro de 2023.

² Graduanda do Curso de Jornalismo da UFAM - AM, email: juliana77lira@gmail.com. Bolsista Fapeam de Iniciação Científica.

³ Orientadora do trabalho. Professora Doutora do Curso de Jornalismo da FIC-UFAM - AM, email: camilaleite@ufam.edu.br

representação das vítimas do novo coronavírus e sobre o poder transformador da fotografia em registrar e alterar a história.

METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa bibliográfica e de um estudo de caso. O estudo articula métodos qualitativos de observação direta, por meio da descrição e avaliação qualitativa das imagens fotográficas postadas nos perfis @covidphotobrazil e @everydaybrazil, e alguns comentários de espectadores atrelados a elas. A seleção das imagens se deu a partir da temática da desigualdade social e ocorre de forma subjetiva.

Para a análise das fotografias publicadas, partimos das discussões das dimensões iconológicas e iconográficas, propostas e descritas por Panofsky (2012), em 1932, depois adaptadas por Kossoy (1999), que acrescentou especificidades da linguagem fotográfica. Acredita-se que esses métodos podem contribuir para a análise fotográfica e compreensão da representação da memória da Covid-19 no Brasil.

A análise iconográfica refere-se à leitura plástica da imagem, criada a partir de um ponto de vista do autor da imagem e eternizado pelo instante em que o obturador foi acionado. O instante fotográfico documentado na fotografia permite recuperar dados preciosos para a reconstituição da memória e da história.

A análise iconológica procura informações e contextos por meio de documentos ou do relato do autor da imagem de forma a “desvendar a trama histórica e social da imagem, bem como avaliar sua dimensão cultural e ideológica” (UNFRIED, 2014, p.05).

Nesse sentido, é necessária uma base teórica que articule a problemática da desigualdade social no Brasil e o seu papel no agravamento da pandemia da Covid-19.

Para aprofundamento da interpretação iconológica das imagens, conforme Kossoy (1999), podemos procurar a fala dos fotógrafos cujas imagens forem escolhidas, seja por meio de entrevistas em jornais ou por contato direto pelas redes sociais.

RESULTADOS

Os resultados finais desta pesquisa contam com 12 análises de fotografias produzidas no contexto da desigualdade social durante a pandemia da Covid-19, compartilhadas nas páginas @covidphotobrazil e @everydaybrazil.

Para que seja possível compreender como a linguagem fotográfica é capaz de significar, Santaella (2012) ressalta a importância de levar-se em consideração como ela é produzida, enfatizando seu produtor e os meios disponíveis para tal.

Assim, a primeiro passo para essa análise é procurar saber quem é o fotógrafo que a produziu, para quais veículos trabalha, sua origem, seu perfil na plataforma e as informações sobre a imagem que possa ter compartilhado

O segundo passo para a compreensão da imagem é analisar de que modo a linguagem em questão é capaz de representar algo que está fora dela, isto é, seu objeto ou referente, comumente chamado de conteúdo. (SANTAELLA, 2012, p.74).

Dentre as formas de leitura de uma fotografia estão: a percepção de sentimentos que a fotografia produz em nós e a identificação daquilo que foi fotografado. Explorar os detalhes da foto nos remete e nos permite conhecer a realidade que ela foi constituída "contemplar a atmosfera que ela oferta ao olhar, pois a significação imanente dos motivos e temas fotografados é inseparável do arranjo singular que o fotógrafo escolheu apresentar" (SANTAELLA, 2012, p.30).

Acrescentamos a isso o estudo das características de interação da plataforma do *Instagram* que acrescentam ícones e comentários que influenciam na construção de sentido da imagem como número de curtidas, marcações, hastags e análises de comentários.

Só então podemos passar para a questão da interpretação. Que tipos de efeitos interpretativos aquela linguagem está apta a produzir no receptor? Os significados de uma linguagem dependem desse trinômio: suas características internas, suas referências e as interpretações que enseja (SANTAELLA, 2012,p.74).

Erwin Panofsky propõe em seus estudos que a iconografia é a classificação, descrição, identificação e interpretação de significados das imagens, ou seja, trata sobre o tema ou assunto.

A iconologia em oposição á iconografia refere-se à interpretação de valores simbólicos e busca descobrir o seu significado. Segundo Panofsky (1991) a iconologia é um método interpretativo que provém mais da síntese do que da análise, sendo esta última um requisito essencial para a interpretação iconográfica.

Em resumo, a diferença entre iconografia e iconologia está na forma como é feita a leitura das obras; a iconografia parte do conceito da análise, decomposição de um todo em partes, já a iconologia da interpretação.

Para a compreensão das obras de artes, Panofsky propõe em seu trabalho o chamado "Método Iconográfico" que se divide em três níveis de significado. O primeiro deles diz

respeito ao nível "Pré- Iconográfico" ou "Descrição Pré-Iconográfica", onde se procura efetuar o reconhecimento da obra e uma descrição que busca o significado primário e natural da imagem.

O segundo nível é denominado como "Iconografia em sentido estrito", fase que atesta as obras com base em texto e documentos, ou seja, a análise iconográfica, propriamente dita que tem como objetivo descobrir o significado secundário ou convencional da obra de arte.

No terceiro nível proposto "Nível Iconológico", inicialmente designado "Iconografia em sentido mais profundo" procura-se descobrir o significado inerente ou conteúdo da obra de arte. Nesta etapa é possível compreender o significado último da obra e o contexto em que foi criada, nela são desvendados os valores os valores simbólicos da obra.

Boris Kossoy adaptou a iconografia e a iconologia, a partir da metodologia de Panofsky. O pesquisador brasileiro manteve as definições já propostas por Panofsky e introduziu elementos específicos da fotografia, para que fosse possível utilizá-las em análises fotográficas.

Para ele, na análise iconográfica das fotografias se reconstitui o processo que originou a fotografia, para que sejam determinados os elementos que concorreram para a materialização documental e também a identificação dos detalhes que compõem o conteúdo da fotografia. Além da recuperação das informações da imagem fotográfica, para assim obter uma identificação dos detalhes icônicos que compõem o conteúdo.

Em sua adaptação Segundo Kossoy (2001), a etapa de "Interpretação Iconológica" seria o momento para nós recordarmos que a fotografia é uma representação a partir do real. Ele apresenta dois caminhos básicos para a decifração iconológica: o primeiro caminho propõe resgate da história própria do assunto e o segundo diz respeito à desmontagem das condições de produção, ou seja, o processo que resultou na representação em estudo. Segundo ele, "Busca-se pela interpretação iconológica, decifrar a realidade interior da representação fotográfica." (KOSSOY, 2001, p. 60).

Boris Kossoy ressalta que a leitura das imagens fotográficas apesar dos níveis, é um processo subjetivo que depende da ideologia, da sensibilidade, da atenção, dos gostos pessoais e dos conhecimentos do leitor.

A análise iconológica procura informações e contextos por meio de documentos ou do relato do autor da imagem de forma a "desvendar a trama histórica e social da imagem, bem como avaliar sua dimensão cultural e ideológica" (UNFRIED, 2014, p.05).

Nesse sentido, é necessária uma base teórica que articule a problemática da desigualdade social no Brasil e o seu papel no agravamento da pandemia da Covid-19.

Para aprofundamento da interpretação iconológica das imagens, conforme Kossoy (1999), podemos procurar a fala dos fotógrafos cujas imagens forem escolhidas, seja por meio de entrevistas em jornais ou por contato direto pelas redes sociais.

ANÁLISES DO PERFIL @COVIDPHOTOBRAZIL



Fonte:Instagram/covidphotobrazil,2021.

<https://www.instagram.com/p/CM2kCQgldZ8/>

As fotografias aqui escolhidas foram produzidas pelo fotojornalista baiano Felipe Iruatã durante a crise sanitária causada pela Covid-19 em Salvador no segundo dia de toque de recolher em março de 2021. A primeira fotografia foi tirada do lado de fora de um ônibus do transporte coletivo. A partir de um ângulo de plano médio, mostra alguns passageiros aglomerados em um ônibus, o que chama atenção é ao perceber que estava sendo fotografado um dos passageiros faz sinal de negativo com a mão e a maioria dos demais passageiros que aparecem na fotografia olham para a câmera, evidenciando uma relação de consentimento com o fotógrafo. Seus olhares demonstram cansaço e insatisfação com a falta de distanciamento básico.

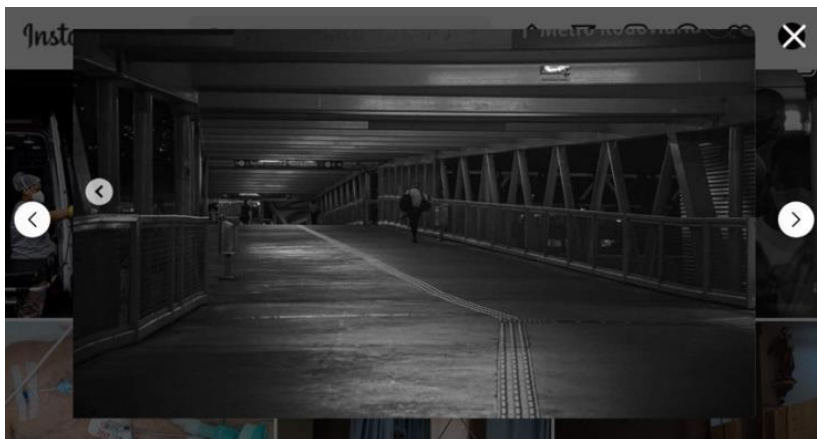
A segunda fotografia foi feita no interior de um transporte coletivo também em Salvador, com a imagem tirada a partir de um enquadramento de cima para baixo, ou ângulo plongée. Nela podemos ver o interior do ônibus lotado com várias pessoas, uma ao lado da outra sem a possibilidade de cumprir com o distanciamento físico indicado pelo Ministério da Saúde.

No Brasil, durante a pandemia, o trabalho remoto foi uma realidade para apenas uma pequena parcela da população. Grande parte dos trabalhadores, para não perder seus empregos, necessitou sair de casa e se expor ao vírus no transporte coletivo, assim como

a imagem indica. Segundo um estudo do Instituto Brasileiro de Economia (Ibre) da Fundação Getúlio Vargas (Ibre/FGV), a modalidade à distância foi adotada por apenas cerca de 10% dos trabalhadores do país mesmo no auge da pandemia e do isolamento social. A pesquisa apontou que o trabalho à distância durante a pandemia foi um privilégio concentrado nas regiões mais ricas e urbanizadas do país. “A infraestrutura deficiente dos domicílios em outras regiões, tanto do ponto de vista de equipamentos quanto do acesso à internet, limitou bastante o home office no Norte e no Nordeste”.

As imagens feitas em preto e branco fazem parte de um álbum com mais outras 5 fotografias e foram curtidas por 731 usuários¹. A publicação está atrelada à legenda: “Segundo dia de toque de recolher as 18h em Salvador.

Enquanto as estações de ônibus estão cheias, a cidade fica vazia. Mesma contradição e mesmo abismo social”. Assim podemos ver na terceira imagem escolhida feita pelo mesmo fotojornalista, tirada a partir de um plano aberto mostrando uma rua quase deserta, onde podemos ver apenas algumas pessoas em último plano.



O álbum foi compartilhado pela @covidphotobrazil, traz a marcação do Instagram do seu autor @felipe.iruata e a postagem recebeu comentários dentre eles estão: “Enquanto o governo não liberar um auxílio descente para que o trabalhador possa se resguardar neste momento, cenas assim serão comuns”.



Fonte: Instagram/covidphotobrazil, 2021.

<https://www.instagram.com/p/COIjglsnpNt/>

A imagem e sua respectiva legenda foram produzidas pelo fotógrafo freelancer André Coelho durante a crise sanitária causada pela Covid-19 no mês de abril de 2021 no Rio de Janeiro. Em abril o Estado do Rio de Janeiro passava dos 700 mil casos confirmados de Covid, e batia recorde de média móvel de mortes com 270 óbitos por dia, segundo a Secretaria Estadual de Saúde.

A fotografia tirada a partir de um enquadramento aberto feito na rua, usado para retratar pessoas e ao mesmo tempo contextualizar situações e ambientes. A imagem retrata em seu primeiro plano um homem que acaba de receber uma marmita provavelmente com alimentos, com a máscara em seu queixo, ele aparenta chorar enquanto conversa com um dos voluntários da ONG Covid Sem Fome. Em segundo plano, vemos uma fila de pessoas esperando para também receberem marmitas.

A fotografia foi compartilhada pelo Instagram @covidphotobrazil e traz a marcação do perfil do fotógrafo @a_coielho. A publicação foi curtida por mais de 786 pessoas e acompanha a legenda “Rio de Janeiro, abril de 2021 - Voluntários de ONGs como @covidsemfome e @acaodacidania doam alimentos a moradores de rua no Rio de Janeiro. Centenas de pessoas que moram nas ruas do Rio, ou que terminaram nelas por causa da pandemia, recebem pelo menos um prato de comida por dia no centro da cidade, quantidade bem menor do que há um ano devido à queda do número de doações”.

Entre os hashtags estão: #fome #ong #pandemia. A imagem faz parte de um álbum com mais outras 9 fotografias. Este recebeu vários comentários, dentre eles estão: "Meu Deus, a fome e a dor já eram absolutamente presentes nesta região antes da pandemia... agora, tá de cortar o coração"



Fonte: Instagram/covidphotobrazil, 2021.

<https://www.instagram.com/p/COIBmoTHNN3/>

A imagem foi produzida em abril de 2021 pelo fotojornalista Victor Moriyama durante a pandemia da Covid-19 na cidade de São Paulo. Victor é um colaborador regular do The New York Times, cobrindo a Amazônia e a América Latina e está atualmente trabalhando em um projeto de longo prazo que investiga a desigualdade social no Brasil e os impactos do capitalismo nas relações sociais.

Na fotografia tirada em plano aberto, vemos uma fila vista por trás com pessoas, a maioria em situação de rua, esperando pela distribuição de cestas básicas. O Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da Covid-19 no Brasil, realizado pela Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional (Rede Penssan), indica que nos últimos meses do a2021 a 2022, 9 milhões de brasileiros passaram fome e mais da metade dos domicílios no país enfrentou algum grau de insegurança alimentar. De acordo com os pesquisadores, o número encontrado de 19 milhões de brasileiros que passaram fome na pandemia do novo coronavírus é o dobro do que foi registrado em 2009, com o retorno ao nível observado em 2004.

A fotografia foi compartilhada pelo Instagram @covidphotobrazil e traz a marcação do perfil de seu autor @victormoriyama. A foto foi curtida por mais de 366 usuário: “São Paulo, abril de 2021 - Nos últimos dias venho acompanhando o avanço da pobreza e o aumento da insegurança alimentar na pandemia de Covid-19 em São Paulo para o @nytimes. Passei muitos dias ao lado da guerreira incansável que eu tanto admiro @sophiabisilliat e sua associação @treinonalaje que faz um trabalho fundamental de distribuição de alimentos e cestas básicas nos quatro cantos da cidade e no centro”.

A publicação faz parte de um álbum com outras fotografias e está atrelada os hashtags: #covidbrasil #fome #pandemia #brazil. O álbum recebeu comentários como:” tem que marcar

o idiota que disse pra fazer o senso pela Internet pra ele aprender que o Brasil não é só o universo de privilégios que ele vive”.



Fonte: Instagram/covidphotobrazil, 2021.

<https://www.instagram.com/p/CQWCfnInA8v/>

As imagens foram produzidas em São Paulo pelo fotógrafo Tommaso Protti durante a crise sanitária causada pela Covid-19 em 2021. O fotógrafo e documentarista italiano que atualmente reside em São Paulo tem trabalhado como fotógrafo freelance, dedicando-se a documentar questões contemporâneas na América Latina.

Na primeira fotografia temos o retrato de uma mulher, sentada no sofá de sua casa com as mãos apoiadas sobre suas coxas com um semblante que parece ser um misto de cansaço e preocupação, talvez tristeza. Feita a partir de um enquadramento de plano médio, nos chama atenção a parede atrás do sofá em segundo plano, nela está escrito “Jesus olhou pra mim na verdade nunca deixou de olhar”. A imagem foi feita a partir de um ângulo frontal, que remete a uma foto posada.

Arelada à imagem, a informação que a fotografia compartilhada pela @covidphotobrazil traz amarração do Instagram do seu ator @tomprotti. A publicação foi curtida por 741 usuários, com a legenda: “São Paulo, junho de 2021 - Ontem, o número oficial de mortos da Covid-19 no Brasil chegou a 500.000, o segundo maior do mundo, atrás apenas dos Estados Unidos”. A fotografia faz parte de um álbum com outras sete fotos para uma série de reportagens documentando os efeitos sociais da pandemia, investigando como ela aumentou a pobreza e as desigualdades no país. publicadas pela UOL Notícias. Entre as hashtags estão: [#fome](#) [#covidbrasil](#).

Dentre os comentários do álbum: “Parabéns [@tomprotti](#) e todos. Imagens desoladoras de uma guerra invisível 'política' contra o povo”; “Um belo trabalho, mas um cenário triste e desolador, que Deus abençoe todos nós brasileiros!!!”.

ANÁLISES DO PERFIL @EVERYDAYBRASIL



Fonte: Instagram/@everydaybrasil, 2021.

<https://www.instagram.com/p/CTw3Zy0FaCU/>

A imagem e sua legenda foram produzidas pela fotojornalista Marcia Foletto em setembro de 2021 na cidade do Rio de Janeiro. Marcia Foletto trabalha a 24 anos no jornal O Globo e é vista como uma das principais fotojornalistas independente do Brasil.

A foto foi feita a partir de um enquadramento de plongée em plano médio e retrata uma mulher sentada em sua cama com as mãos e os cabelos tapando o seu rosto, em sua frente aparece um prato apenas com apenas bolachas tipo água e sal. A foto foi posada e a mulher identificada como “C” relata que durante a pandemia da covid-19 perdeu o seu emprego e chegou a morar nas ruas.

A fotografia compartilhada pelo @everydaybrasil traz a marcação do Instagram de sua autora @marciafoletto, foi curtida por mais de 380 usuários e acompanha a legenda: “C. perdeu o emprego na pandemia. Teve que entregar a casa onde morava e deixar as filhas com o ex-marido. Chegou a viver na rua e hoje está em um pequeno apartamento pago por um amigo, na Zona Oeste do Rio de Janeiro. Sem trabalho e com o pouco que ganha do auxílio emergencial, tinha apenas um pacote de biscoito para passar a semana. Com medo de prejudicar o processo da guarda dos filhos, C. contou sua história, mas não quis se identificar”. A foto recebeu comentário, dentre eles: “A triste situação de muitos brasileiros neste momento desnorteado”.



Fonte: instagram/everydaybrasil, 2022

<https://www.instagram.com/p/CZb4jllOkYI/>

As fotografias aqui escolhidas foram produzidas pela fotógrafa Brenda Alcantara, graduada em Comunicação Social - Rádio Tv e Internet. A fotógrafa tem um trabalho voltado principalmente para os Direitos Humanos. As imagens fazem parte de um álbum com outras 8 fotografias e foram tiradas na Comunidade Quilombola Caluete em Garanhuns, Pernambuco em fevereiro de 2022 durante a pandemia causada pela Covid-19

A primeira foto, tirada a partir de um plano médio, mostra a figura de Maria Elena da Silva, enquanto abre sua geladeira antiga onde podemos ver poucos alimentos. Na segunda imagem temos o armário da família como centro da fotografia, e nela podemos ver apenas dois sacos de farinha de milho que os quais segundo Maria, seriam a comida servida durante todo o mês.

As famílias iguais a de Maria Elena que já viviam em situação de vulnerabilidade passaram a viver em situações muito mais complicadas é o que nos mostra a pesquisa Desigualdade de Impactos Trabalhistas na Pandemia, coordenada pelo diretor da Fundação Getúlio Vargas Social (FGV Social), Marcelo Neri. Ao longo da pandemia, a queda de renda entre os 10% mais ricos ficou em -7,16%, e representa menos de 1/3 da queda de renda da metade mais pobre população, o que nos diz muito sobre quais foram as pessoas mais afetadas com a pandemia.

Em setembro de 2020, por causa do auxílio emergencial com valor mais alto, o número de pessoas abaixo da linha de pobreza caiu para 4,63%, ou 9,8 milhões de brasileiros. Já no primeiro trimestre de 2021, momento de suspensão do auxílio emergencial, mas devolvendo o Bolsa Família, atingiu 16,1% da população, ou 34,3 milhões de pobres.

O álbum foi compartilhado pelo Instagram @everydaybrasil e traz a marcação de sua autora @brendaalcantarafoto. A postagem está atrelada á legenda “O pesadelo de dormir sem jantar volta ao Brasil. A fome volta ao debate político enquanto 57 milhões de cidadãos estão desnutridos devido à crise, à pandemia e ao corte em programas sociais Maria Elena da Silva, 44 anos, junto com sua família de 11 membros, foi dormir com fome. A publicação recebeu mais de 330 curtidas, além de comentários como “Mais um dos inúmeros exemplos de ausência desse governo”.



Fonte: instagram/everydaybrasil, 2022

<https://www.instagram.com/p/CHp6P5TFH9U/>

A situação também se repete na família de Julliane, mãe solo de 3 filhos, que perdeu toda a sua renda ao longo da pandemia da Covid-19. O forte aumento na desigualdade social se deu principalmente pelo aumento do desemprego e, segundo a pesquisa “Desigualdade de Impactos Trabalhistas na Pandemia quem mais perdeu foram os moradores da Região Nordeste com -11,4% de perda de renda Na região Sul o impacto atingiu -8,86%, da população e, em relação ao aspecto gênero, as mulheres que tiveram jornada dupla de cuidado das crianças em casa, assim como Julliane apresentaram perda de -10,35% contra -8,4% dos homens.

A fotografia também foi produzida pela fotografa Brenda Alcantara em 2020 em Brasília Teimosa, Recife – Pernambuco. A imagem posada foi tirada a partir de um plano médio e mostra Julliane e sua família, seus três filhos todos estão de máscara e uma das crianças, uma menina está em seus braços enquanto os outros dois garotos estão ao lado da mãe, no entorno podemos ver o que parece ser uma vila de casas com roupas no varal.

A foto foi curtida por mais de 700 usuários e acompanha a legenda “Quais os efeitos do Coronavírus onde sempre faltou tudo?”

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve como objetivo discutir o papel central da fotografia digital como mídia provocadora de reflexões e focar a importância da fotografia no debate social a respeito da pandemia de Covid-19 no Brasil.

A metodologia usada foi a bibliográfica e de estudo de caso, as análises foram feitas a partir das discussões das dimensões iconológicas e iconográficas, propostas por Panofsky em 1932, depois adaptadas em 1999 por Kossoy que acrescentou especificidades para análise das fotografias.

Foram feitas 12 análises, entre elas 8 do perfil do Instagram @covidphotobrazil e 4 do perfil @everydabrazil. As imagens retratam de forma clara a pandemia e a forma com que ela escancarou a desigualdade social no Brasil em vários níveis e âmbitos diferentes como: fome, educação, transporte público, moradia, emprego e saneamento básico. A Covid-19 causou graves estragos no Brasil, provocando aumento nos níveis de pobreza e colaborando para que o país voltasse ao mapa da fome da Nações Unidas

Durante o processo de análise dos álbuns foi possível perceber que muitos comentários se limitavam a palmas ao fotógrafo pelo registro do momento histórico ou lágrimas por este, fazendo com que o debate em torno dessas imagens fosse inferior ao que deveria ser. Esta situação talvez possa ser atribuída à falta de conhecimento das pessoas em geral sobre leitura de imagens e mensagens envolvidas. Ressalta-se, desta forma, a necessidade de ampliar o conhecimento das pessoas, sobre o que existe em cada imagem, ajudando a "ver" coisas não vistas antes, por serem algo subjetivo na dependência, em parte, de sua visão de mundo.

É preciso ressaltar a importância de conversar com os outros sobre as imagens, pois sempre nos ajuda a "ver" coisas que não vimos antes. Justamente por ser algo subjetivo que depende de uma série de fatores como propõe Kossoy.

REFERÊNCIAS

- LEWIS, Sarah. **Visão e justiça**. (2016). The fifth international exposition of contemporary and modern art. Chicago. Northern Trust.
- KOSSOY, Boris. **Realidades e ficções na trama fotográfica**. São Paulo: Ateliê Editorial, 1999.
- ONU. (2019, dezembro) **Relatório de desenvolvimento humano do PNUD destaca altos índices de desigualdade no Brasil**. Acessado em: <https://douradosagora.com.br/noticias/brasil/pnud-destaca-altos-indices-de-desigualdade-no-brasil>
- PANOFSKY, E. **Significado nas artes visuais**. Tradução Maria Clara F. Kneese e J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2012. Título original: Meaning in the visual arts. 5ª reimpr. Da 3ª ed. De 2001.
- UNFRIED, R. **O uso da iconografia e da iconologia para a análise de fotografias e recuperação da história de Londrina**. Trabalho apresentado no GT 7 – Fotografia, do Encontro Nacional de Pesquisa em Comunicação e Imagem – ENCOI, 24 e 25 de novembro de 2014, Londrina.
- WERNECK, G.; Carvalho, M. **A pandemia de Covid-19 no Brasil: Crônica de uma crise sanitária anunciada**. In: Cadernos de Saúde Pública, 2020.
- BODNAR, J (1992). **Remarking America: Public memory, commemoration, and patriotism in the twentieth century**. Princeton: Princeton University Press.
- CANDAU, Joel. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2011.
- GUEDES-PINTO, Ana Lúcia. **Rememorando trajetórias da professora- alfabetizadora: a leitura como prática constitutiva de sua identidade e formação profissionais**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2002.
- LOPEZ, Immaculada. **Memória social: uma metodologia que conta histórias de vida e o desenvolvimento local**. -- 1. ed. -- São Paulo: Museu da Pessoa: Senac São Paulo, 2008.
- LE VEM, Michel Marie et al. **História oral de vida: o instante da entrevista**. In: VON SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes, (org.). Os Desafios contemporâneos de história oral – 1996. Campinas: Área de Publicações CMU/Unicamp, 1997.
- MIZIARA, Rosana. Experienciar museus: um olhar sobre o museu da pessoa. **Revista do centro de Pesquisa e formação**, 2016.
- SANTAELLA, Lúcia. **Leitura de Imagens**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2012.